



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 4

Amazônia sitiada

Música: Este é um país que vai pra frente [...]

Giovana Girardi: Nos anos 70, tinha uma propaganda do regime militar na TV que chamava o Brasil pra "ir pra frente".

Música: [...] de uma gente amiga e tão contente [...]

Giovana Girardi: Era um desenho animado de criancinhas de todas as cores. Um menininho branco de cabelo liso, duas garotinhas também brancas, um garoto oriental – literalmente amarelo – com óculos redondos, um menino negro com lábios enormes e vermelhos, um outro garotinho "caipira", com chapéu de palha e descalço, e um indígena... com um macaquinho no ombro.

Mais caricato, impossível.

Os brasileirinhos dançam juntos, de mãos dadas, balançando os corpos de um lado pro outro.

Música: [...] De um povo unido e de grande valor/ É um país que canta, trabalha e se agiganta [...]

Giovana Girardi: Esse país tinha um alvo pra onde "se agigantar": a floresta

amazônica. E a floresta era vista com a mesma lente distorcida da propaganda militar.

Locutor: Esta é a Transamazônica, a obra da conquista definitiva de uma das regiões mais ricas do mundo. Sem descanso, homens e máquinas lutam contra a selva, contra o clima, para dar ao Brasil a sua maior obra rodoviária. Mas o esforço e a vitória serão amplamente recompensados. Dentro de pouco tempo, por aqui rodarão confortavelmente quaisquer veículos com toda segurança. Agora, porém, nenhum carro. Somente tratores e motoniveladoras se aventuram nessas condições de terreno e neste inferno.

Giovana Girardi: "Se aventuram neste inferno". Esse som é de outra propaganda, claro – mas não do governo, e sim da Volkswagen. Quando começa essa flautinha medieval, na imagem a gente vê um fusquinha serelepe cortando a rodovia lamacenta e inacabada.

Fusquinhas são fortes, verdade. Eu me lembro com carinho do vermelhão que o meu pai tinha nos anos 80. Mas confesso que eu não consigo imaginar ele cortando a Transamazônica dos anos 70. Nem a de hoje em dia, na verdade...

No episódio passado, eu comecei a contar da viagem que eu fiz pela região agora em 2021. E eu não tava de fusquinha. Tava com um 4 x 4 porque os trechos de terra da estrada ainda não são nada fáceis.

Eu embarquei nessa viagem porque eu queria entender, entre outras coisas, o que aquele modelo de desenvolvimento pregado nos anos 70 trouxe pra região – além do desmatamento.

Naquela época, a floresta era vista como um inferno, que precisava ser combatido com homens e máquinas. A palavra "selva" era sinônimo de atraso, de pobreza. E "progresso" era sinônimo de derrubar árvore e povoar o território.

Mas – talvez sem querer – o comercial foi visionário, e acertou em um ponto.

Locutor: [...] sem descanso, homens e máquinas lutam contra a selva, contra o clima.

Giovana Girardi: O Brasil daquela época tava travando uma luta contra o clima. Só não imaginava que o clima ia reagir.

Eu sou Giovana Girardi, e esse é o quarto episódio de Tempo Quente, um podcast original da Rádio Novelo.

Se você tá chegando por aqui agora, eu recomendo fortemente que você pause e volte lá no primeiro episódio. Faz mais sentido ouvir na sequência.

Sabe aquele efeito esquisito que dá na cabeça quando você repete tantas vezes uma palavra que ela acaba perdendo o sentido? Eu tive esse efeito ao contrário quando eu tava na Amazônia.

E com uma palavra específica: "progresso". Que que é progresso pra você? Cê já parou pra pensar no que essa palavrinha significa? Claro, progresso tá no mesmo grupo ali de "evolução", de "ir pra frente"... mas "pra frente" onde?

Eu acho que eu pensei tanto na palavra "progresso" quando tava na Amazônia porque eu nunca vi tanta bandeira do Brasil quanto lá... tipo uma passeata permanente de 7 de setembro.

Era "ordem e progresso" pra cá, "ordem e progresso" pra lá. Acho que um slogan positivista do século 19... não soa muito "progressista", né?

Me bateu uma impressão de que essa palavra ficou meio datada de uns tempos pra cá. Como se ela representasse um ideal de... bom, de "progresso", mas que não faz muito sentido no mundo em que a gente vive hoje.

É curioso pensar no desgaste da palavra "progresso". Quer dizer: se "progresso" ficou caduco, será que a gente precisava pensar num "novo" progresso, né?

Só que alguém já pensou nisso antes.

Neri Prazeres: Do Paraná eu vim em 1987 pra Novo Progresso... na verdade, não existia Novo Progresso na época, né, só a rodovia, a gente se localizava por quilômetro. Mais baseado no km 1.085. Aí meu pai começou a abrir, construir uma igreja, igreja católica, e aí depois uma escolinha, depois um campo de futebol e a comunidade foi criando e...

Giovana Girardi: Seu pai então é tipo um fundador de Novo Progresso quase...

Neri Prazeres: É, um dos. Daí ele foi um dos primeiros a chegar lá, né?

Giovana Girardi: Esse é o Neri Prazeres – um cara que ajudou a fincar a base do "novo progresso" na Amazônia.

Neri Prazeres: Eu contei essa história só pro cê entender como foi que eu vim parar em Novo Progresso lá na década de 80 e...

Giovana Girardi: Sim, legal saber.

Neri Prazeres: Foi um chamamento de vamos ocupar Amazônia, vamos ocupar para não entregar. Tinha que desmatar, tinha que dar um jeito de colonizar isso.

Giovana Girardi: Originalmente o povoado que a família do Neri ajudou a criar fazia parte de Itaituba, mas eles se emanciparam em 91. Na eleição de 92, o Neri foi eleito o primeiro prefeito do município de Novo Progresso. Com o tempo, ele se estabeleceu também como uma liderança local do agronegócio, especialmente do cultivo de soja.

No episódio passado eu comentei que eu não cheguei a ir até Novo Progresso. Meus companheiros de viagem seguiram pra lá, mas me deixaram uns dias em Itaituba pra fazer algumas entrevistas.

O Neri Prazeres era uma dessas pessoas que eu queria entrevistar. E é lá em Itaituba que ele mora hoje. De algum jeito, eu tava suspeitando que eu ia entender melhor de Novo Progresso e do processo de desmatamento naquela região conversando com o Neri do que indo até lá.

Em parte porque o nome do Neri ficou bem conhecido nos últimos tempos entre os jornalistas que cobrem meio ambiente. Em agosto de 2019, uma mensagem de zap do Neri vazou e acabou dando muito pano pra manga. Ouve só:

Neri Prazeres: Eu tô bastante preocupado com o que tá vindo por aí. Olha, aí na região, [...] próximo ao Progresso e no Progresso, vai ter maior... diz que tá tendo o maior desmatamento da história. Sabe? [...] E eu tô vendo a partir desses dias, isso vai dar uma repercussão tão negativa! Eu tô preocupado.

Giovana Girardi: "O maior desmatamento da história". Não sei se você tá lembrando do que tava acontecendo em agosto de 2019.

Apresentadora 1: Equipes da Polícia Federal estão no Pará para investigar se as queimadas foram criminosas.

Apresentadora 2: A polícia apura também se houve uma ação coordenada, conhecida como "dia do fogo".

Repórter: Alguns focos de incêndio do Pará podem ter sido provocados por agricultores da região de Novo Progresso, no sudoeste do estado. Os fazendeiros teriam combinado o "dia do fogo" para 10 de agosto. Seria uma ação orquestrada pelo grupo por meio de redes sociais.

Giovana Girardi: Naquele mês, o número de focos de incêndio na Amazônia triplicou em relação a agosto do ano anterior. Foram mais de 30 mil focos registrados pelo Inpe, o maior valor pro mês desde 2010.

Era o primeiro ano do governo Bolsonaro, o desmatamento tava em alta... e – lembra? – a queimada é a última etapa do desmatamento. Depois da motosserra e

do correntão. É o procedimento padrão dos grileiros. Depois, eles só precisam plantar o capim e clamar pela posse da terra. E a mensagem que o Bolsonaro vinha passando desde a campanha tava sendo recebida no campo como uma permissão pros crimes ambientais.

Neri Prazeres: "Eu tô contigo", "tô do teu lado". Como se fosse assim: "pode desmatar, que não vai acontecer nada".

Giovana Girardi: Naquele momento, o pessoal tava colocando as manguinhas de fora sem pudor e alguém teve uma ideia que deve ter parecido brilhante pra quem tava confiando na impunidade.

Um jornal local, a Folha do Progresso, deu o furo — como a gente fala no jargão jornalístico — no dia 5 de agosto. Eles publicaram que um tal “dia do fogo” tava sendo convocado por fazendeiros locais.

A reportagem falava que os produtores tavam se sentindo “amparados pelas palavras do presidente Bolsonaro”, e tavam organizando uma queima coordenada pro dia 10.

De fato, naquele dia o Inpe registrou um grande número de focos de incêndio na região. O Ministério Público Estadual e a Polícia Federal abriram uma investigação pra apurar a participação de fazendeiros, madeireiros e empresários.

A ação orquestrada teria sido combinada por um grupo de WhatsApp chamado Sertão.

O nome do Neri acabou sendo citado quando aquele áudio dele foi revelado pelo site da Globo Rural. A mensagem, no mínimo, dava a entender que ele sabia o que ia rolar...

Giovana Girardi: É seu mesmo, né, aquele áudio?

Neri Prazeres: É, é meu. Eu mandei aquele áudio para um parceiro meu que planta grãos lá em Novo Progresso. Mas isso foi bem depois. O áudio foi dia 15. Só que tem um desafeto meu lá em Novo Progresso, chamado Adécio Piran, que usou aquilo... daí ele havia feito essa história do dia do fogo.

Giovana Girardi: Esse "desafeto" do Neri, o Adécio Piran, é um jornalista que fundou o jornal online que fez a primeira denúncia, a Folha do Progresso. O Neri Prazeres é figurinha fácil nas reportagens do Piran.

As mais graves falam até de ameaça de morte a sindicalista, o que o Neri nega.

Com relação ao "Dia do Fogo", o Neri não só nega participação no episódio, como nega também que ele sequer tenha existido! Pelo menos como uma ação orquestrada...

Neri Prazeres: ... não teve essa organização. Não teve, isso é história. Essa história do "dia do fogo", ela existe desde a década de 80.

Giovana Girardi: Como assim?

Neri Prazeres: Por que? Antigamente você queimava as derrubadas até 10 de agosto. Porque daí começava a chover. Então todo mundo sabia que até o dia 10, que era o dia D, o dia do fogo, era o dia de queimar. Isso desde a década de 80.

Giovana Girardi: Mas, de fato, naquele 10 de agosto teve um monte de queimada ali, né, assim, os satélites pegaram e tal.

Neri Prazeres: Teve. Mas isso sempre teve, é cultural...

Giovana Girardi: Mas digo aquele ano especificamente. De fato, teve muito.

Neri Prazeres: Exato. Mas isso aí não teve combinação. Eu te garanto que não teve. Se foi, foi uma coisa que coincidiu. Mas o dia do... o "dia do fogo", esse grupo... grupo criado pro dia de...

Giovana Girardi: Até o momento que eu tô gravando esse episódio, em junho de 2022, as investigações ainda não foram encerradas e ninguém foi preso. O inquérito corre em sigilo.

Sem punição, o desmatamento e as queimadas continuaram com tudo nos últimos anos. O próprio Neri também reconhece isso.

Neri Prazeres: Como esse ano também, não pode pensar que esse ano não teve tanto quanto igual...

Giovana Girardi: É? Tá ruim esse ano também?

Neri Prazeres: Desmatamento sempre tem, não adianta, né?

Giovana Girardi: Você acha que não tem jeito o desmatamento, Neri? Não vai acabar nunca?

Neri Prazeres: [...] se você chegar e fazer um marco daqui para frente. 2021. Quem desmatou até 2021, que daí fica. "Tá, daqui para frente, agora meu amigo, você vai..." Uma punição severa eu acho que resolve.

Giovana Girardi: O Neri estava me dando uma explicação prática daquilo que a gente falou em teoria lá no episódio 2. É aquela velha história de ir estendendo a anistia dos grileiros por mais e mais tempo de um jeito que ninguém mais acredita em punição.

Lembra que eu comentei que, na revisão do Código Florestal em 2012, foi dada uma anistia pra desmatamentos feitos ilegalmente até 2008? Pro Neri, a anistia, do jeito que foi feita, foi é pouca e por isso não tinha como dar certo.

Neri Prazeres: Ficou quatro anos aí que as pessoas já tinham desmatado e ficaram igual na irregularidade. Se eles tivessem feito de 2012 para até aqui você tá bem, você não desmate mais. Beleza. Então não desmata mais. Mas não, o que fizeram? Até 2008. Mas nós tivemos uma defasagem de quatro anos que as pessoas já tinham desmatado. Então, quer dizer, aí o cara já está na irregularidade, então continua. E aí não foi possível resolver os problemas. É o meu entendimento. O que aconteceu? Com essa lei que criaram que 2008 para trás você estava isento, eles imaginam que, mais cedo ou mais tarde, vai ter novamente mais uma moratória que vai criar uma lei...

Giovana Girardi: Ah, o pessoal confia que uma hora vai...

Neri Prazeres: Eu penso que é isso. Então quer dizer...

Giovana Girardi: Já que não foi feito daquele jeito, ele acha que, agora, o desmatamento só vai parar se a anistia for até 2021! Certo...

Neri Prazeres: As pessoas acreditam que o governo Bolsonaro, por exemplo, vai peitar tudo e vai resolver o problema para eles, né? Principalmente as pessoas que são exploradores, as pessoas que chegaram bem depois. São pessoas que vêm, que aprenderam a ganhar dinheiro com desmatamento, que... você tem uma área aqui, "oh, eu vou desmatar 100% dela e você me dá metade, desmato..." Dali ele já vende para outro...

Giovana Girardi: Isso é o que o pessoal chama de grileiro, Neri?

Neri Prazeres: O que eu vou dizer de grileiro? Porque se for falar de grileiro, eu acho que todos nós somos, porque nós chegamos aqui e todos nós entramos na, na terra do governo, terra que era pública, né? Então eu não posso dizer que esses caras são grileiros. Eles são peitudos mesmo, chegam e...

Giovana: Peitudo... Mas cê acha que tem uma coragem, assim?

Neri Prazeres: Eu acho que a coragem é pelo, até pela falta de ser mais enérgico, talvez. Porque eu vejo bastante barulho mas eu não vejo realmente punição, tal. Eu falo, prende o cara aqui, o cara passa dois meses lá, já sai, é um laranja, talvez, aí o cara que já deu um monte de dinheiro para ele já vai desmatar outro, e... e vale a pena.

Giovana Girardi: Mas o Neri não é "parte desinteressada" nessa história. Hoje ele é

diretor executivo do Consórcio Tapajós – uma organização com o lema “Unidos pelo Progresso”, que articula seis municípios da região e tem como um dos focos fazer pressão pela regularização fundiária da região.

Bom, vocês lembram que a “regularização fundiária” é uma necessidade na Amazônia. Mas às vezes é só um artifício pra regularizar mesmo a grilagem.

Só que na entrevista ele seguiu direitinho o media training da sustentabilidade... e se vendeu como um "agricultor ilustrado".

Neri Prazeres: Eu, particularmente, acredito que nós precisamos preservar. Aí dentro do próprio consórcio e tal a gente tem divergências "Pô, mas o pessoal de São Paulo está preocupado conosco aqui. Está preocupado com a Amazônia. Mas não se preocuparam com eles lá..."

Giovana Girardi: Como assim?

Neri Prazeres: Porque tudo de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, tudo era mata virgem, não era? Não se preocuparam na época e também desmataram tudo.

Giovana Girardi: Mas também não sabia, né? 400 anos...

Neri Prazeres: Pois é... Exatamente. Não, mas essa é a cabeça das pessoas. "E agora vem dizer aqui o que nós devemos fazer? Por que não cuidaram da deles? Então quer reflorestar aqui? " por que não refloresta parte deles lá?" Porque assim, o que nós... quem vem aqui para a Amazônia, muitas vezes, ele é imediatista. Ele não veio aqui pensando que vai explorar castanha, que vai explorar o copaíba, ele não vem pensando nisso. Quem pensa nisso é quem é os ribeirinho daqui. Esse é o grande problema. Porque quando o cara vem do sul para cá, para desenvolver, ele quer lucros imediatos.

Giovana Girardi: Eu não sei dizer se o Neri tava "jogando pra plateia" dele, ali – no caso, eu, a jornalista ambiental. Porque a conversa seguiu assim:

Neri Prazeres: Eu noto a diferença que nós temos de quando eu cheguei e de agora...

Giovana Girardi: Hm? Me conta. Como que... O que que mudou?

Neri Prazeres: Por exemplo, quando nós chegamos aqui... era seis meses de chuva mesmo, né? Hoje nós não temos isso. Então a gente nota. Cê vai num rio, nós tínhamos peixe à vontade. Hoje nós não temos mais peixe. Né? Daí você... Os rios eram limpos, hoje...

Giovana Girardi: Está mais quente?

Neri Prazeres: Tá mais quente. Eu acredito que tá bem mais quente. Veja bem, eu estou aqui desde o começo.

Giovana Girardi: Lembrando que o “começo”, no caso, é o fim já da década de 80. Como se não tivesse nada lá antes.

Neri Prazeres: Agora você imagina. Novo Progresso é o município mais distante da capital, 1.730 quilômetros.

Giovana Girardi: De Belém?

Neri Prazeres: De Belém. Nós instalamos o município aonde não tinha energia, não tínhamos estrada porque a estrada na época do inverno era atoleiro e na época do verão, aqueles areião infernal. Então, quer dizer, você demorava... pra chegar a qualquer lugar, se fosse para o Mato Grosso, você demorava, aí, 10, 15 dias. Aí você no momento que você não tinha ônibus, você não tinha nada, você não tinha as leis, você não tinha energia, você não tinha nada. Você instala um município num lugar desse. Então eu digo assim, essa criação de Novo Progresso, com a instalação, criação, foi o que deu vida pra aquela região, né?

Giovana Girardi: "Foi o que deu vida pra região". A família do Neri tá entre as muitas que viram vantagem em migrar praquela região onde, entre muitas aspas "não tinha nada".

Neri Prazeres: Eles passavam filmes da região, terras férteis e tal, incentivando as pessoas vim para cá...

Giovana Girardi: Foi isso que atraiu seu pai?

Neri Prazeres: É. Isso que atraiu meu pai.

Giovana Girardi: "Eles" que incentivavam as pessoas a ir pra Amazônia era o governo federal. No caso, a ditadura militar. Logo mais a gente vai falar disso.

Mas antes eu quero fazer uma pausa pra falar sobre outro pedaço dessa fala do Neri. As tais "terras férteis".

Talvez você já tenha ouvido falar que – ao contrário do que se pode imaginar, vendo aquele mar verde da Amazônia – as terras ali são muito pobres. Que a floresta só se mantém de pé por causa da "serrapilheira" – que é aquela camada sobre o solo formada por matéria orgânica, como as folhas das árvores que caem.

Quer dizer: se tirar as árvores, em pouco tempo esse composto também desaparece... e o que sobra é uma terra sem nutrientes, que não serve pra plantar.

E não para por aí: sem a umidade das árvores, que forma a própria chuva que cai na

região e também os tais "rios voadores", a Amazônia ia virar uma savana, um deserto. Isso tudo é verdade. Mas também não é tão simples assim.

Beto Veríssimo: ... a Amazônia tem um grau de complexidade, de diversidade, que não há modelo esquemático de padrão de desenvolvimento que vai se aplicar em todos os casos.

Giovana Girardi: Esse é o Beto Veríssimo. Assim como o Neri Prazeres, ele também se deparou com a Amazônia nos anos 80. Mas de um jeito bem diferente.

Beto Veríssimo: Eu comecei a me interessar pela Amazônia nos anos 80, quando eu ainda estava no segundo grau...

Giovana Girardi: O interesse pela floresta não foi só "paixão de adolescência" na vida do Beto. Ele se formou em engenharia agrônoma, e é um dos fundadores do Imazon – que é o Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia.

A entrevista com ele foi uma das que eu fiz questão de "botar na mala" antes da viagem, porque o Beto é especialista em desenvolvimento da Amazônia.

Quer dizer: desenvolvimento das Amazônias, né? Porque claro que não dá pra gente entender uma região maior do que a União Europeia como se ela fosse uma coisa só.

Beto Veríssimo: Existe uma Amazônia que a gente chama de Amazônia mais seca, onde Sinop está encravada. Aqui, de fato, o desmatamento que causa um prejuízo ambiental não resulta numa área degradada, resulta na ocupação da área para a produção de grãos, que gera riqueza e emprego, ainda que concentrado, e tal...

Giovana Girardi: Não sei se você já ouviu falar em Sinop, mas eu vou abrir esse parêntese porque eu sempre acho curioso o nome dessa cidade mato-grossense. É na verdade uma sigla que escancara o projeto de colonização da Amazônia Legal: significa Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná.

Mas retomando a explicação do Beto Veríssimo, quer dizer: nessa área mais seca da Amazônia – que fica na porção sul da Amazônia Legal – a história do "solo pobre" não se aplica.

Então, a aposta da ocupação pra agropecuária até fazia sentido econômico ali.

Beto Veríssimo: E aí, quando a gente vai pra Amazônia super úmida, aqui o "boom colapso" se aplica.

Giovana Girardi: "Boom colapso" é um conceito socioeconômico que o Beto e outros pesquisadores usam pra descrever o ciclo econômico de alguns municípios da Amazônia.

Então, nada melhor do que ouvir a explicação na voz dele.

Beto Veríssimo: O modelo de ocupação da Amazônia desde a década de 70, mas que se acelera principalmente a partir dos anos 80, ele está baseado no desmatamento. Então, é uma dinâmica que pressupõe, para esses agentes econômicos, a derrubada da floresta. Coloca-se um pasto de baixa produtividade, que dura três, quatro, cinco anos no máximo, depois essa terra vai ficar exaurida, degradada. E pasto é abandonado, e aí nesse período em que a atividade madeireira está acontecendo, e a pecuária na sequência, há o que a gente chama de “boom”. Porque tem uma renda que está sendo gerada, tem empregos gerados, são tributos arrecadados. Só que é uma atividade de fôlego curto. Ela não se sustenta no longo prazo. Com a exaustão da floresta e a degradação dos pastos, a renda, os empregos, os tributos entram em colapso. O colapso aqui não é só da natureza, o colapso é um colapso socioeconômico.

Giovana Girardi: Quer dizer: na maior parte da Amazônia Legal, mesmo se a gente ignorasse a importância da preservação das florestas, dos rios, da biodiversidade, do respeito aos territórios indígenas e focasse só no aspecto econômico da coisa, ainda esse modelo de ocupação baseado na exploração dos recursos até a exaustão é uma furada.

E, pior: acredita-se que ele acaba empurrando a fronteira da ocupação, incentivando mais desmatamento.

Beto Veríssimo: ... quase uma onda de gafanhotos que vai se deslocando do leste para o oeste, e do sul pro norte. Então, esse modelo, se a gente não deter, ele vai varrer a Amazônia. Porque do ponto de vista do madeireiro que fez aquelas primeiras retiradas, do pecuarista que se apropriou de uma terra pública, é muito bom pra eles. Eles vão se apropriando de um território, de uma terra pública, vão ganhando dinheiro com a madeira e vão revender essa área. Do ponto de vista dos interesses nacionais, é absolutamente desastroso. Ele beneficia uma fatia muito pequena, mas a economia como um todo é prejudicada, porque isso cria um ambiente de ilegalidade, de ações predatórias, que inibe novos investimentos.

Giovana Girardi: É, acho que seria uma forção de barra chamar isso de “progresso”, né?

A teoria do boom-colapso pra Amazônia recebeu algumas críticas, mas em geral os cientistas são unânimes em dizer que esse modelo de ocupação e desmatamento da Amazônia não trouxe desenvolvimento. Muito menos um “desenvolvimento sustentável”. Não se resolve a pobreza acabando com o meio ambiente.

A entrevista com o Neri Prazeres foi a última que eu fiz em Itaituba. No dia seguinte, eu ia seguir viagem. Era hora de pegar a Transamazônica em direção a Altamira.

Meus três companheiros de viagem passaram pra me pegar, na volta de Novo Progresso. E eu tava super curiosa pra saber o que eles tinham visto por lá.

Claudio Angelo: O que mais me chamou atenção... nos chamou atenção foi que toda essa região da... da 163 pra baixo de Itaituba, sentido Mato Grosso, ela parece estar sofrendo um processo de "matogrossização" acelerado.

Giovana Girardi: Essa voz aí é do Claudio Angelo – meu colega jornalista, coordenador de comunicação do Observatório do Clima, e consultor aqui do Tempo Quente.

Claudio Angelo: Tem muito campo preparado pra plantio. Muito lugar que já tinha colhido milho. E aonde eles estão agora expandindo fortemente a agricultura. Parte em cima de pastagens, mas parte, pelo que a gente conseguiu ver ali, tem expansão de lavoura acontecendo aparentemente sobre novas áreas desmatadas. Parecida, na dinâmica de ocupação, com o norte do Mato Grosso. Aquelas grandes áreas de plantio. Até culturalmente, Novo Progresso se parece cada vez menos com uma cidade paraense e cada vez mais como uma cidade matogrossense, né? Até o sotaque das pessoas, até o jeito de tomar açaí, né? O Carlão...

Giovana Girardi: Como que é? O jeito matogrossense?

Claudio Angelo: É açaí congelado misturado com alguma coisa. Não é como os paraenses tomam açaí.

Giovana Girardi: Cê ficou horrorizado, Carlão?

Giovana Girardi: O Carlão é o motorista Carlos Alberto Cardoso de Noronha – o único amazônida do grupo.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: É, quando eu vi, eu falei pra mulher que ela estaria vendendo um sorvete de açaí e não o suco de açaí, né, que é como a gente costuma tomar na tigela, com farinha de tapioca. Entendeu? E aí quando ela veio me vender aquilo, eu falei: “não, isso aí é sorvete”. Ela disse: “não é a forma que eu tenho...”. Ela compra congelado o açaí. E aí na hora de ela vender, ela só bate ali no liquidificador pra ficar um pouco homogêneo e já serve a pessoa. Tu vira a colher pra baixo, ele não vai cair, porque tá na forma...

Giovana Girardi: Sólida.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: É, sólido.

Giovana Girardi: Eu achei que não era o melhor momento pra confessar pro Carlão que eu mesma não sou nada fã de açaí. E que pro paladar dos sudestinos o sacrilégio é ainda maior – açaí é gostoso mesmo com banana e granola...

Mas deu pra sacar o tamanho da "matogrossização" que tinha chamado a atenção deles na região de Novo Progresso quando eu notei o brilho no olhar do Tasso vendo floresta dos dois lados da Transamazônica.

Giovana Girardi: Mas essa florestinha de nada, Tasso?

Tasso Azevedo: A florestinha de nada tá tão raro que até...

Giovana Girardi: O Tasso tá feliz que a gente está vendo floresta dos dois lados pela primeira vez na viagem...

Giovana Girardi: Tasso é o engenheiro florestal Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomas. Desde que a gente saiu de Santarém, lá no episódio 3, a gente tava com dificuldade de achar floresta no caminho. E essa florestinha, de fato, não era nada parecida com o que vem à mente quando a gente pensa em floresta Amazônica. As árvores até eram altas, mas meio ralas. Fora que, na beira daquele trecho de chão da Transamazônica, elas tavam manchadas de uma poeira amarela, bem típica do solo pobre daquele trecho do Pará.

Giovana Girardi: E Carlão, como é que vocês chamam quando a estrada trepida muito assim? Costela o quê?

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Quando tem muita "costela de vaca", né? É... De tanto passar caminhão, fica umas fileiras e quando a gente passa em carro pequeno ele sai pulando em cima todo. Então o apelido é "costela de vaca"...

Claudio Angelo: Tá mais ou menos do jeitinho como o Médici deixou, em 72.

Giovana Girardi: (risos) Não melhorou muito de lá pra cá, né?

Giovana Girardi: É difícil viajar pela Transamazônica e não fazer também uma viagem no tempo.

Narrador: O presidente Médici inaugurou oficialmente os trabalhos de construção da Rodovia Transamazônica – instrumento eficaz de ampliação das fronteiras econômicas do país, e uma das obras essenciais do Programa de Integração Nacional elaborado pelo atual governo. O Governo está disposto, segundo a expressão do presidente, "a fazer andar o relógio amazônico que muito se atrasou ou ficou parado no passado".

Giovana Girardi: Sacolejando nas "costelas de vaca", eu voltei a pensar nessa ideia

"vintage" de passado e de progresso. E o cheirinho de naftalina da ditadura militar me transportou pra outra entrevista que eu fiz questão de fazer antes de embarcar pra Amazônia.

Antonio Delfim Netto: Giovana, a Transamazônica é a coisa mais... fake news que já se construiu no Brasil.

Giovana Girardi: Esse entrevistado, que já chegou mandando uma frase de efeito, é o Antonio Delfim Netto – o todo poderoso ministro da Fazenda responsável pelo breve "milagre econômico" da ditadura militar, durante os governos do general Arthur da Costa e Silva e do general Emílio Garrastazu Médici.

Mas eu queria falar com o Delfim especialmente porque ele não só foi testemunha do Programa de Ocupação da Amazônia, como ele foi também defensor daquele modelo de desenvolvimento.

Narrador: O homem sem terras no nordeste, e a terra sem homens da Amazônia. O atraso da Amazônia e do Nordeste repercute negativamente no resto do Brasil.

Antonio Delfim Netto: O presidente Médici, nós chegamos em Recife, tinha uma frente de trabalho com 4 milhões de trabalhadores ganhando 40 reais por dia, simplesmente pra fazer buraco e tapar... que era pra dar emprego. Por causa que o Nordeste, a situação física era difícil, o Médici disse "Vamos abrir um buraco, pra essa gente fugir daqui e ganhar a vida, desenvolver o Brasil lá fora, a Amazônia". Porque a gente imaginava que a Amazônia era uma terra fértil, porque tinha aquelas árvores enormes, até a gente descobrir que aquilo é areia. Essa é a origem.

Giovana Girardi: Por que que o senhor diz que é a maior fake news da história?

Antonio Delfim Netto: Porque... fica se explicando... projetaram a Ama... a Transamazônica, era um projeto de ocupação do território... Tem nada disso, tudo conversa, a Transamazônica foi simplesmente abrir uma porta pro pessoal fugir.

Giovana Girardi: Sem plano, sem nada?

Antonio Delfim Netto: Sem plano, sem nada.

Giovana Girardi: Eu achei engraçado o Delfim falar que "não tinha plano, nem nada", como se isso fosse uma justificativa pro fato da ocupação da região ter sido um fiasco. Como se tudo não tivesse passado de um arroubo desesperado do Médici pra "salvar o povo faminto do Nordeste".

Plano tinha... a Transamazônica fazia parte do Plano de Integração Nacional,

lançado em 70 pelo próprio Médici. Agora, se o plano foi bem feito ou não, aí já são outros 500.

Narrador: A Transamazônica é um passo imenso no sentido da ocupação racional de uma área que se caracteriza por um vazio demográfico só comparável ao das desoladas regiões polares...

Giovana Girardi: Outro entrevistado, que eu também ouvi antes da viagem, me explicou melhor essa história: é o pesquisador Maurício Torres, que já apareceu aqui no episódio passado.

Maurício Torres: Giovana, a própria terminologia de "ocupação", já pressupõe de que na Amazônia cê não tinha gente, não era ocupado. E aí, com toda a franqueza, eu não sei se era simplesmente ignorância, de desconhecer centenas de povos indígenas e uma miríade enorme de comunidades tradicionais, ou se era só uma inclinação, horrível, de entender toda essa gente, como não-gente, realmente, eu não sei. Agora, se tinha a ideia de ocupar essa região, isso já foi muito estudado, por dois motivos: um era esvaziar uma pressão pela terra, que acontecia no Sul e no Nordeste. Cê tava tendo uma panela de pressão, a coisa tava pra explodir, por camponeses lutando pelo direito à terra, e aí o governo militar teve a ideia "brilhante" – entre aspas esse brilhante, pelo amor de Deus – de fazer a reforma agrária sem mexer com o latifúndio, que é quando fizeram a reforma agrária do Sul e do Nordeste na Amazônia. Então, você tira esse contingente de camponeses sem terra, e leva pra Amazônia, em situações completamente desumanas com esses camponeses, e com os povos indígenas, que tiveram seus territórios dilacerados, e que foram atacados [...] a terra deles virou... obedeceu uma lógica de motim de guerra. Muitos deles foram exterminados, aconteceram horrores.

Mas não era só essa razão, você tinha outra... outro motivo muito grande: levar um grande capital pra lá, era levar grandes empreendimentos econômicos. Só que pra que esses grandes empreendimentos econômicos funcionassem, precisava de mão de obra. Então você faz essa política de atração de mão de obra local, e logo em seguida, a ditadura militar implementou imensos projetos de financiamento, pra grandes empresas, Massey Ferguson, bancos, eh... a Mercedes-Benz, comprarem terra na Amazônia, essa compra às vezes era... era a fundo perdido, ele comprava empregos, ele não pagava.

Giovana Girardi: Quer dizer: aquele slogan da ditadura, "integrar para não entregar", era balela... porque as empresas estrangeiras, na real, foram muito bem

vindas. Até a Volkswagen, a fabricante alemã do fusquinha, entrou nessa leva. Ela pegou o dinheiro que o governo dava pra incentivar as empresas a se instalarem na região, e investiu em... gado.

Em 73, a Volks comprou uma fazenda de 1.400 quilômetros quadrados no sul do Pará. Sabe o que isso significa? É quase o tamanho da cidade de São Paulo. Uma única fazenda!

O projeto era criar um tal de “gado do futuro”.

Só que os planos deram muito errado: a empresa acabou envolvida em denúncias de trabalho escravo e foi acusada de colaborar com a ditadura e com a destruição ambiental da Amazônia, o que atraiu a preocupação de ambientalistas europeus pra cá. Agora faz sentido o fusquinha aventureiro desbravando a Transamazônica, né?

Mas voltando pro Delfim... Apesar do papo de "Transamazônica é fake news", dá pra sentir um saudosismo – e até um orgulho na voz dele — quando ele fala das obras.

Antonio Delfim Netto: Giovana, nunca ninguém pensou, então o Andrezza pôs o trator na estrada e tocou pra frente.

Giovana Girardi: Mário Andrezza era o ministro dos Transportes na época.

Antonio Delfim Netto: Quando ele encontrava uma tribo de índio, era uma coisa deliciosa, como ele corrompia o cacique.

Giovana Girardi: Era delicioso isso, era delicioso como, professor?

Antonio Delfim Netto: Porque... os índios, se opunham, você tava ali olhando o território deles, o Andrezza chegava a um acordo com eles e dizia "olha, essa noite eu vou deixar um trator aqui com uma caçamba cheia de coisas pra vocês, cês roubam tudo... e eu finjo que não vi". Quer dizer... roubar talvez seja um termo muito forte... eles se apropriavam daquilo. Miçangas... espelhos...

Giovana Girardi: Bem ao estilo dos portugueses, professor?

Antonio Delfim Netto: Exatamente.

Giovana Girardi: Acho que não é exagero do Delfim colocar ele, o Médici e o Andrezza como sucessores legítimos dos "grandes desbravadores", numa linhagem que passa pelos bandeirantes, remetendo até Cabral. A intenção era a mesma, né?

Giovana Girardi: O senhor acha que de fato fez sentido fazer a Transamazônica então?

Antonio Delfim Netto: Mas não há a menor dúvida. Quantas

oportunidades ela não trouxe? Nós ocupamos o território... é uma estrada de integração nacional. E essa integração é fundamental. O Brasil precisa dessa integração. O Brasil tem cuidado sempre das suas fronteiras, não pela força, pela ocupação. Nisso as forças armadas têm sido da maior importância. Na verdade, a Transamazônica ajudou a ocupar o Brasil. E uma estrada, ela fica gerando oportunidades ao longo de muito tempo. Hoje é uma região próspera.

Giovana Girardi: Olha... eu não vi essa prosperidade quando a gente tava rodando pela Transamazônica. Como disse o Claudio, ela não mudou muito do Médiçi pra cá.

Quer dizer, numa coisa ela mudou, sim. Tem bem menos floresta nas margens.

De vez em quando, a gente via famílias inteiras — pai, mãe, e dois, às vezes três filhos — todos empoleirados em uma única motinha, pegando alguma saída pros assentamentos onde ficavam as agrovilas do regime militar.

A gente também viu alguns ônibus da viação local que têm os sugestivos nomes de "Ouro e Prata" e vários caminhões enormes, carregados com toras de madeira.

Teve uma cena que chamou a nossa atenção, perto do município de Uruará: uma fila de caminhões-baú, estacionados no acostamento. A gente ficou intrigado porque um caminhão-baú é muito pequeno pra transportar toras de madeira que tivessem sido cortadas em alguma mata mais pra dentro da rodovia.

Mas o Carlão explicou que eles ficam estacionados ali esperando pra entrar à noite nas terras indígenas da região. É que a criminalidade tá tão descarada que os caras derrubam as árvores e serram a madeira ainda dentro da terra indígena. Porque aí fica mais fácil de carregar e passar despercebida dentro do caminhão-baú.

Passando pela entrada da cidade, o Carlão também lembrou de uma notícia dali que extrapolou o noticiário local: em maio de 2020, um fiscal do Ibama – que tinha apreendido um caminhão com madeira ilegal – foi pego numa emboscada por madeireiros e agredido com uma garrafa na cabeça.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Eu acho que foi bem por aqui assim. Mas eu me lembro que deram uma garrafada. Porque praticamente aqui a cidade é toda revoltada com qualquer fiscalização que tem em cima de de madeireiro aqui. Eles se une e bota pra correr mesmo.

Giovana Girardi: Quando o Carlão diz que "a cidade toda é revoltada com a fiscalização", ele não tá exagerando. Depois da agressão ao fiscal do Ibama, a prefeitura de Uruará entrou com uma ação na Justiça contra a operação de combate ao desmatamento ilegal na Terra Indígena Cachoeira Seca.

A ação foi considerada improcedente, claro. Mas só de ela ter passado pela cabeça

de alguém como legítima, já é bem simbólico dos tempos em que a gente tá vivendo.

E a escalada atual de desmatamento e criminalidade tem muito a ver com aquele modo de entender — ou de não entender — a floresta e o que seria o "progresso" da região.

Maurício Torres: Essa situação que a gente entende como descontrole, eu não sei se tá muito distante do projeto... entre muitas aspas, ocupação da Amazônia, que se empreendeu na ditadura militar

Giovana Girardi: Aqui, de novo, o Maurício Torres.

Maurício Torres: Tanto naquele período quanto hoje, a floresta continua sendo vista como um empecilho. Você tem quadrilhas especializadas em derrubar a floresta e vender a terra, por muito mais caro. Entende? É essa visão da floresta como um empecilho, um inimigo a ser vencido. O garimpo, a grilagem, essa bandidagem, no varejo, é mais difícil inclusive pra organizar resistência... Talvez essa seja a grande diferença do que a gente vive atualmente. É a proeminência, é o fortalecimento desse sujeito social, que é o bandido local, certo. É o cara que sabe como enfrentar, ele sabe como burlar a coisa. Esse sujeito que tá sendo empoderado hoje. É um cara que, tudo que ele conquistou, foi na base da violência. O discurso do atual governo faz com que esse cara se sinta autorizado. Então, é uma situação perigosíssima, sabe, é alguém que não tem o que perder, certo? E o que ele tem pra se garantir, é a violência. A gente não sabe como lidar com isso hoje. E, a cada dia, a cada fala do Bolsonaro, esse cara se sente mais empoderado.

Giovana Girardi: Quer dizer, se alguém tá se dando bem, é porque tá cometendo crime. Isso ficou bem claro pra mim na viagem. Eu ouvi várias vezes que "grileiro, garimpeiro e madeireiro não fizeram home office durante a pandemia". O crime correu solto, principalmente nas terras indígenas e nas unidades de conservação.

Mas voltando ao "progresso". Se os militares tivessem certos e a floresta fosse mesmo um obstáculo pro desenvolvimento, hoje a Amazônia deveria ser uma potência, né? Só que diversas análises apontam que a região tá atrasada em vários indicadores socioeconômicos.

Beto Veríssimo: Os militares, nos anos 70, acreditavam, numa visão geopolítica, que a floresta era um obstáculo, e que o desmatamento levaria prosperidade, desenvolvimento, e tornaria a Amazônia muito mais integrada ao Brasil. Eu acho que hoje, o resultado é o oposto. A Amazônia tá ocupada por crime organizado, que é uma ameaça à nossa integridade. Com máfias, milícias, garimpeiros ilegais, tráfico de drogas e tudo mais. Então a Amazônia virou uma região mais

conturbada. A situação social da Amazônia é dramática, a Amazônia hoje é a região mais pobre do Brasil do ponto de vista social, os indicadores sociais piores, e também do ponto de vista econômico. As emissões de gases do efeito estufa da Amazônia legal correspondem aí entre 40 a 46% do total do Brasil, e a participação da Amazônia Legal no Produto Interno Bruto é em torno de 8%. Então a gente gera muito pouca riqueza, apenas 8% do PIB brasileiro, sendo 60% do território, e ainda mais, emitindo quase metade dos gases do efeito estufa. Então, de fato, nesse momento, a dinâmica econômica da Amazônia joga contra os interesses do Brasil.

Giovana Girardi: O Beto estuda o modelo de ocupação da Amazônia há 30 anos. E ele faz questão de lembrar que não é como se nesse período entre o fim da ditadura e o governo Bolsonaro o olhar dos governantes sobre a Amazônia tivesse sido mais respeitoso, em harmonia com os indígenas e os ribeirinhos.

Quer dizer: entre 85 e 2018, o desmatamento continuou correndo solto, mesmo quando prevaleceu a “social democracia”. Claro, teve alguns momentos em que o problema foi levado bem a sério e a devastação de fato caiu. O mais marcante deles foi o período de 2005 a 2012.

Mas esses governos ainda seguiram a cartilha das "obras faraônicas" com a desculpa do "desenvolvimento" e do "progresso".

Beto Veríssimo: Essas obras faraônicas que de vez em quando aparecem no debate político, elas servem para turbinar a ocupação ilegal. “Ó, vai ter uma estrada, então vamos ocupar”. Então de fato as obras são anúncios que não se realizam na velocidade que se propõem, mas elas acabam capitalizando um processo de ocupação que no final das contas também comprometem a floresta.

Então toda obra anunciada e não realizada tem um custo, o custo ambiental dela existe, mesmo que ela não tenha sido feita. No rastro dessa estrada prometida, já chegam os ocupantes ilegais. Portanto, ela é o catalisador do processo do “boom colapso”. Toda obra, principalmente de estrada, abertura de estrada, ela carrega consigo a chaga do desmatamento.

Giovana Girardi: A Transamazônica é o exemplo mais claro disso.

Beto Veríssimo: A Transamazônica foi um investimento gigantesco de infraestrutura que não gerou o dinamismo econômico que se esperava. Quando a gente sai de Marabá e vai até Humaitá, 40 anos depois, você vai ver um cemitério de áreas abandonadas, terras degradadas, pequenas ilhas de prosperidade, entre aspas, com algum lugar onde você vê uma agricultura um pouco melhor. A natureza já tava dizendo:

é uma região pra produzir floresta. E com a floresta, os serviços ambientais associados... O experimento do Regime Militar com a Transamazônica foi muito mal elaborado. Todo o planejamento de ser um celeiro agrícola, tava assentado sobre pés de barro. E não deu certo, toda a colonização agrícola dessa região fracassou. Pra ter uma agricultura próspera, você precisa ter condições de relevo favoráveis, aquela região não tem. Você precisa ter chuvas moderadas, e com o verão muito definido. Aquela região é chuvosa praticamente o ano inteiro... Tirando um pedacinho lá da Transamazônica perto de Medicilândia, são solos muito pobres, que não tem nenhuma aptidão agrícola, numa região muito úmida.

Giovana Girardi: Um parêntese aqui: Medicilândia. Sim, a cidade carrega até hoje o nome do presidente dos "anos de chumbo", da fase da ditadura militar mais marcada pela tortura e pelo assassinato de opositores. Mas, realmente, aquela região é um oásis de terra fértil cortado pela Transamazônica. E os militares já tinham notado a "terra roxa" quando fincaram ali o marco inaugural da rodovia.

Quando eles viram a terra vermelhona – aquela bem comum no interior de São Paulo e no Paraná, a terra que permitiu o boom do café no século 19 – eles extrapolaram e deduziram que ela taria presente ao longo de todo o traçado da rodovia. No que tavam, o quê? Equivocados. A terra roxa só existe em alguns pontos isolados no Pará.

Justamente na altura de Medicilândia, a Transamazônica volta a ser asfaltada. Mas logo quando parecia que a viagem ia começar a ficar mais fácil, o pneu da nossa caminhonete furou.

A gente entrou na cidade pra caçar uma borracharia, e não deu pra não notar que Medicilândia realmente se destaca na região. Durante a ditadura, o Incra instalou uma usina de açúcar na cidade. Os colonos só tinham autorização pra plantar cana.

Mas o negócio foi decaindo com o passar do tempo, e acabou fechando de vez nos anos 2000. Só que, com esse solo super fértil, a cidade continuou seguindo a "vocaçãõ" pro agronegócio. Mas não, não tem nada a ver com soja, nem com pasto.

Logo na entrada da cidade, a gente passa por um portal que não deixa dúvida: Medicilândia é a capital do cacau. Um produto nativo, e que se mostrou bem mais rentável. Um produtor da região me contou que quando a cotação das amêndoas de cacau tá mais alta, uma plantação de 5 hectares dá uma renda melhor que o boi criado, de forma extensiva, em 100 hectares de pasto.

O cacau virou tão promissor que os produtores locais se juntaram numa cooperativa e montaram uma fábrica de chocolate, a "Cacauway". Na cooperativa, eles se organizam não só pra melhorar as técnicas de cultivo, como também pra produzir chocolate ali mesmo.

Olha... confesso que eu saí otimista de Medicilândia. Uma produção lucrativa, que não depende de derrubar floresta... e com a perspectiva de ir além da herança colonial, do círculo vicioso de matéria-prima pra exportação!

Bom, pneu trocado, chocolatinhos comprados pra família, seguimos viagem.

Faltavam só 85 quilômetros pro nosso destino: Altamira. Quer dizer: pro centrinho de Altamira, pra área urbana do município. Porque a gente já tava margeando os limites do município fazia bastante tempo.

Altamira sozinha tem quase a área de Portugal e Irlanda juntos! Bom, 85 quilômetros perto dos mais de 400 que a gente já tinha rodado até ali, era um pulo. No dia seguinte eu tinha uma entrevista marcada com uma testemunha das muitas transformações pelas quais a região passou nos últimos 50 anos.

D. Erwin Krautler: Eu me lembro em 1970, um compadre meu me disse “vai chover dinheiro em Altamira, porque um tal de Inca vai chegar, e o governo decidiu de fazer uma grande estrada que vai ligar Altamira ao mundo”.

Giovana Girardi: Este é o dom Erwin Krautler. Ele é bispo emérito da Prelazia do Xingu e presidente da Rede Eclesial PanAmazônica. O dom Erwin nasceu na Áustria, mas mora em Altamira desde 1965 – e virou referência da luta pelos direitos humanos, e em defesa dos indígenas e dos ribeirinhos. Ele teve um papel fundamental na inclusão de artigos sobre os direitos indígenas na Constituição de 88. O dom Erwin recebeu a gente na diocese de Altamira, que fica à beira do Xingu.

O segurança desconfiado que abriu o portão pra gente, os muros altos e o circuito de câmeras não deixavam a gente esquecer das ameaças que aquele senhor de 82 anos recebe.

D. Erwin Krautler: Eu me lembro quando o presidente Emílio Garrastazu Médici veio pela primeira vez e inaugurou os trabalhos, os trabalhos aqui no quilômetro 5. Isso... ficou tão gravado no meu coração, com uma dor que eu sinto até hoje, porque eu não entendia, não entendi e até hoje não entendo. Tinha um palanque aí, das autoridades, presidente da república junto com Mário Andreazza, outros ministros, toda a sua comitiva, e naquele tempo, foi derrubada uma castanheira.

Locutor: Cada árvore que tomba escreve uma história bem diferente das que povoavam as terras dos sacis-pererês.

D. Erwin Krautler: E o estrondo do tombo daquela árvore foi grande que eu escuto até hoje. Depois os aplausos. Isso pra mim, eu não podia entender, nem entendo até hoje, como se pode aplaudir a derrubada de uma árvore centenária? Mas eles, naquele tempo,

entendiam que o progresso do Oeste do Pará é derrubar, é matar, assassinar a natureza.

Cantor: Machado afiado na madeira. Epa, ê ê! Cavaco voando da madeira, a madeira tombando lá - "madeira!"

D. Erwin Krautler: Se entendia, terra beneficiada é terra onde toda a floresta é derrubada, queimada. Quer dizer, as queimadas, as derrubadas, foram inauguradas pelo próprio presidente da República que entendia isso como a grande conquista do mundo verde.

Locutor: Os homens cantam em coro ao ritmo dos machados e a vanguarda da conquista da Amazônia. Atrás deles, estão chegando os tratores e sementes. A Transamazônica, avançando na floresta virgem, abrindo um futuro mais digno para milhões de brasileiros.

Giovana Girardi: O dom Erwin se lembra das hordas de gente que chegavam, atraídas pelas promessas do governo.

D. Erwin Krautler: Muita esperança, né, expectativa de, não vou dizer enriquecer, mas teriam condições de vida e de sobrevivência digna. Mas, o governo não olhou, os elementos primordiais para uma vida digna né? Saúde, educação, estradas para escoamento, quer dizer, as vicinais teriam que funcionar, depois também créditos acessíveis e segurança. Não foram consideradas de maneira suficiente. Tinha muita gente que desanimou, ou veio aqui então pra Altamira, pra aumentar a cidade, ou voltou para a terra de onde veio. Uns aventuraram, o garimpo, e se perderam. Quer dizer, esse início foi muito duro, né? Mas depois, também, a derrubada, né... da floresta, que a floresta foi considerada como riqueza, né, foi considerada apenas a floresta derrubada.

Giovana Girardi: A floresta em pé nunca foi considerada como riqueza. Pro dom Erwin, tá aí a chave do problema de quem olha de fora pra Amazônia. Ela nunca passou de um campo experimental.

D. Erwin Krautler: Campo experimental. A Amazônia pra mim sempre foi isso, a gente vê a Amazônia como colônia... Brasil colônia... A Amazônia continua como província mineral, província madeireira, última fronteira agrícola, província energética. Quer dizer, se... vê a Amazônia não como terra onde vivem povos, e querem viver de maneira digna, e viver e sobreviver das riquezas naturais que essa Amazônia dá, mas como celeiro ou como jazida de tantos e tantos minérios, a Amazônia se vê como algo em que necessariamente obrigação de colocar alguma coisa em lugar.

Giovana Girardi: É a diferença entre a "Amazônia pra viver" e a

"Amazônia pra explorar", né?

D. Erwin Krautler: Sim, pra mim é sempre essa dicotomia. A Amazônia, terra de vida e terra para a vida dos povos, eu digo dos povos porque não é apenas um povo, significa os povos indígenas, os povos ribeirinhos, quilombolas, migrantes, povo urbano. Todos esses povos têm direito de viver da Amazônia. Mas, a visão que se tem é vida. A Amazônia para vida e a Amazônia para exploração. Vê as fotos dos garimpos, isso é apenas um emblema, mas isso tudo acontece também nos grandes projetos que exploram, deixa atrás de si uma paisagem lunática.

Giovana Girardi: Quando eu entrevistei o Delfim Netto, eu quis saber como ele via hoje as decisões do passado. No fundo, acho que o que eu queria mesmo era saber se tinha espaço prum mea culpa do projeto do regime militar por quem tinha vivido isso de dentro. Mas o Delfim não chegou até aqui fazendo mea culpa, né?

Antonio Delfim Netto: Eu acho que... é uma coisa fantástica, porque, quando o presente vira passado, nós ficamos muito mais sábios.

Giovana Girardi: É uma verdade. Mas também, isso passa pano em cima de muito erro, não passa, professor?

Antonio Delfim Netto: Mas, quem planeja, erra... só não erra quem não planeja, e também não faz nada

Giovana Girardi: Mas aí dá uma sensação de que a gente vai continuar errando sempre, né?

Antonio Delfim Netto: Mas errar é humano, repetir o erro é que não é. Nós nunca vamos superar isso, porque o futuro é opaco, Giovana. Cê pode imaginar o que você quiser, o futuro guarda sempre surpresas.

Giovana Girardi: Bom, essa desculpa de "a gente não sabia" até poderia servir pros anos 60, 70, talvez 80.

Locutor: O presidente Médici expressou sua confiança em que a Transamazônica possa ser o caminho para o encontro da verdadeira vocação econômica da Amazônia.

Jair Bolsonaro: A nossa Amazônia, a região mais rica do planeta Terra, mais do que o coração do Brasil, seremos a alma econômica do nosso Brasil.

Beto Veríssimo: Hoje, não tem desculpa.

Giovana Girardi: De novo, o Beto Veríssimo, do Imazon.

Beto Veríssimo: A gente sabe exatamente que isso não vai melhorar o desenvolvimento da Amazônia, e vai prejudicar de maneira extremamente grave o Brasil como um todo. Nós vamos pagar, e não é uma conta que vai ser paga só agora. Vai levar um bom tempo pra recuperar esse estrago.

Giovana Girardi: Nessa guerra contra a floresta e contra o clima, pra citar aqui uma máxima da Dilma: "quem ganhar ou quem perder, vai todo mundo perder".

Ou, pra usar o termo do Beto: mesmo pra quem agora tá vivendo o boom... mais pra frente vai ter colapso.

Beto Veríssimo: Sem a floresta a gente não teria chuvas, entendeu? O Brasil é um país que tem pouca área irrigada, depende muito da chuva para a produção agrícola. E pra essa competitividade que o agronegócio brasileiro tem, no Centro-Oeste e no Sudeste. E o Brasil é um país que também depende de energia hidrelétrica. A crise hídrica agora tá mostrando duplamente esse problema. E as hidrelétricas dependem da manutenção da floresta amazônica, seja pra manter as hidrelétricas que já estão na Amazônia, seja pra conseguir fazer que os rios voadores que saem da Amazônia levem umidade e nuvens despejam lá na bacia do Paraná, nas outras bacias, e garantem um Brasil também ser um país que tem uma matriz energética ainda relativamente limpa, e relativamente de baixo custo. [...] Quando o Brasil tá desmatando na Amazônia, ele tá jogando um tiro no pé contra a sua segurança energética, e contra a sua segurança agro- alimentar.

Giovana Girardi: Pensando bem, esse tiro já acertou o pé. E o clima tá revidando. A quebra na safra de vários produtos agrícolas em 2021 tem a ver com isso.

O risco de apagão também. O pior é que não dá pra ninguém dizer que não sabia, que o "clima doido" é uma surpresa. Não é como se ninguém tivesse avisado antes.

Foram vários avisos. Só que ninguém quis ouvir. Quer um exemplo?

Natalie Unterstell: O trabalho envolvia sete setores da economia, de saúde, a água, que dali, qual que era o plano? Que a gente propusesse planos de adaptação. O Brasil 2040 nunca foi um estudo simplesmente, porque estudo você podia contratar por fora e ponto, mas foi alocado recurso do tesouro, né, recurso do contribuinte.

Giovana Girardi: No próximo episódio, a gente vai falar do maior estudo sobre os impactos da mudança do clima no Brasil. Uma encomenda do governo federal, que envolveu dezenas de pesquisadores e milhões de reais em dinheiro público, até ser enterrado sem mais nem menos.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira, da Flora Thomson-DeVeaux e do Arnaldo Branco.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também fez produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Júlia Matos e da Paula Scarpin.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos.

Neste episódio, tivemos apoio de reportagem em Itaituba da Ítala Nepomuceno e apoio de produção da Clara Rellstab.

Nossos transcritores foram Laura Rellstab, Nathalia Atayde, Nino Bloch e Rodolfo Vianna.

A checagem é do Emerson Kimura. A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição do nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios do portal Compre Rural, da TV Record, BandNews e do Arquivo Nacional.

Na apuração desse episódio, a gente ouviu muito mais gente que as que apareceram aqui. Então queria agradecer também a Ademir Venturin, Elido Trevisan, Paulo Moutinho, Pedro Pereira Lima e Sérgio Margulis.

Obrigada e até semana que vem.